

Os signos de uma arquitetura escolar:

Colégio Piracicabano e a construção de seu
edifício próprio no findar do século XIX

The signs of a school architecture:
The Piracicabano School and the construction of
its own building in the end of the 19th century

Edivilson Cardoso Rafaeta

Graduado em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)
mestre em Educação pela FE/Unicamp.

R e s u m o

Uma análise cultural da arquitetura do prédio escolar do Colégio Piracicabano, fundado na cidade de Piracicaba (SP) em 1881, e as múltiplas implicações que esse empreendimento pedagógico envolveu está contemplado neste artigo. Com base nas concepções teórico-metodológicas da história cultural, entendemos a prática pedagógica vivenciada no Piracicabano como fruto das relações culturais estabelecidas pelos sujeitos à época. As análises estão pautadas pela obra *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908* (Mesquita, 2001) e pelo jornal *Gazeta de Piracicaba*. O exame das fontes coloca em evidência como a arquitetura do colégio impingia normas e condutas escolares, atuando como parte de seu programa educativo e sendo uma espécie de balizador das concepções educacionais encetadas no seu interior.

Unitermos: Colégio Piracicabano – Arquitetura escolar – Práticas educacionais.

S y n o p s i s

The present article contemplates a cultural analysis of the architecture of the school building of Colégio Piracicabano, founded in the city of Piracicaba (SP) in 1881, and the multiple implications such pedagogical undertaking involved. Based on the theoretical-methodological conceptions of cultural history, we understand the pedagogical practice experienced at the Piracicabano as the fruit of cultural relationships established by subjects at the time. The analyses are oriented by the work *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908* (Mesquita, 2001) and by the journal *Gazeta de Piracicaba*. An examination of the sources highlights how the school's architecture imposed school norms and conducts, acting as part of its educational program and being a kind of landmark of the educational conceptions started in it.

Terms: Colégio Piracicabano – School architecture – Educational practices.

R e s u m e n

Un análisis cultural de la arquitectura del edificio escolar del Colegio Piracicabano, fundado en la ciudad de Piracicaba (SP) en 1881, y las múltiples implicaciones que ese emprendimiento pedagógico ha involucrado es lo que se ve contemplado en este artículo. Basado en las concepciones teórico-metodológicas de la historia cultural, entendemos la práctica pedagógica experimentada en el Piracicabano como fruto de las relaciones culturales establecidas por los sujetos en esa época. Las análisis están pautadas por la obra *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908* (Mesquita, 2001) y por el periódico *Gazeta de Piracicaba*. El examen de las fuentes pone en evidencia cómo la arquitectura del colegio imponía normas y conductas escolares, actuando como parte de su programa educativo y siendo un género de balizador de las concepciones educacionales iniciadas en su interior.

Términos: Colegio Piracicabano – Arquitectura escolar – Prácticas educacionales.

No alvorecer de 1881, aos 13 dias de setembro, foi inaugurado o Colégio Piracicabano, em Piracicaba, no interior de São Paulo. Esse intento foi fruto de um longo movimento que durou mais de um terço de século, tendo sido iniciado ainda nas primeiras décadas do século XIX, quando missionários metodistas aportaram em terras brasileiras (Barbosa, 2005; Dawsey, 2005). Décadas depois, foi a vez da imigração estadunidense, que, motivada pela Guerra de Secessão, acabou por estabelecer contatos com o Brasil, fundando colônias e selando acordos políticos e comerciais com a nova pátria (Hilsdorf, 1977). Nesse processo, outras forças agiram favoravelmente para que a instituição escolar se tornasse uma realidade. Exemplos como a atuação dos presbiterianos na abertura de escolas protestantes (Bencostta, 1993), do americanismo que ganhava forças no período (Warde, 2000) e da maçonaria, palco das relações entre liberais, republicanos e adeptos do protestantismo (Goldman, 1972), marcam os diversos atos vividos pelos diferentes personagens que compõem essa trama.

Sua abertura, que, equivocadamente, poderia ser vista como a ação de um grupo de missionários estadunidenses, foi na realidade a conexão desses diversos interesses que, ao confluírem num intento comum, possibilitaram a abertura do colégio. Assim

Assim emergiu o Piracicabano, uma instituição confessional para a educação feminina, voltado para uma elite republicana, desejosa de mudanças no cenário político, como também no econômico e no social

emergiu o Piracicabano, uma instituição confessional para a educação feminina, voltado para uma elite republicana, desejosa de mudanças no cenário político, como também no econômico e no social (Carvalho, 1990). Eram aspirantes de uma educação feminina num momento em que mesmo a educação pública voltada aos homens era de qualidade inferior, de acordo com a posição política dos integrantes do movimento republicano no período (Carvalho, 2003).

Vasto edifício próprio: as colunas de uma pedagogia

Quinta-feira, 6 do corrente, às 7hs30 da noite, fomos assistir aos festejos escolares do Colégio Piracicabano, em seu vasto, sólido, novo, higiênico e elegante edifício ajardinado, sito em ponto central, numa das melhores ruas desta cidade (Gazeta, 09/12/1894, p. 1).

O fragmento de artigo acima, enfaticamente escrito em 9 de dezembro de 1894 pelo redator da *Gazeta de Piracicaba*, relatando as festas escolares do colégio, no findar do século XIX, é exemplar. A sucessão de adjetivos com os quais ele se refere ao prédio do Colégio Piracicabano suscita algumas questões e nos permite interrogar o motivo pelo qual a arquitetura e a organização espacial do edifício pareciam interessar, de maneira especial, às pes-

soas. Afinal, por que era preciso dizer aos leitores do jornal que o colégio estava instalado em um “vasto, sólido, novo, higiênico e elegante edifício”? Além disso, que outras questões podiam nortear essa premissa e a necessidade de um prédio que pudesse se fazer notar na cidade, destacando-se sua suposta imponência e organização?

É fato que, ainda no ano 1881, antes mesmo de o colégio inaugurar suas aulas, Martha Watts já demonstrava preocupação com a disposição do local que deveria abrigar a escola. Ao escrever à secretária da Sociedade de Mulheres da Igreja Metodista dos Estados Unidos, em agosto daquele ano, relatou que a casa que havia sido alugada para abrigar a escola era nova, porém não grande o bastante para abrigar, além da família do rev. Koger, ela própria e, também, o colégio (Mesquita, 2001, p. 29-30). A preocupação com a questão arquitetural dos prédios ainda se fez presente em sua missiva seguinte, escrita em setembro do mesmo ano, quando decidiu enviar notícias da cidade de Piracicaba “para as mulheres interessadas no trabalho realizado no Brasil”. Ao descrever o casario da cidade, anotou que não existiam casas “grandiosas ou sofisticadas” e que uma das construções que lhe chamava a atenção era a casa que abrigava o fórum, “construída por um americano para sua residência”, uma construção que lhe

Era preciso que o prédio se fizesse notar por sua imponência arquitetural, denotando uma espécie de autopropaganda

causava inveja, comparada com sua escola. “De vez em quando, um edifício de grandes proporções [era] iniciado ao longo do rio para ser um depósito geral, mas acaba[va] sendo abandonado”. As casas da população local, de acordo com as descrições da educadora, mantinham o caráter simples e rústico que se podia observar nos prédios públicos. A maior parte era de barro e mesmo as mais “jovens e progressistas” que estavam sendo construídas em alvenaria seguiam “o mesmo estilo arquitetônico e plano de construção de seus ancestrais” (Mesquita, 2001, p. 32-33).

As declarações dadas por Martha Watts apontam para o imperativo de que o colégio que ela estava organizando deveria contar com uma estrutura arquitetônica que possibilitasse, em certa medida, uma organização que excedia o campo da instrução, ao contemplar necessidades e/ou interesses diversos. Era preciso que o prédio se fizesse notar por sua imponência arquitetural, denotando uma espécie de autopropaganda, e que, também, suprisse uma série de outras necessidades que se colocavam, como abrigar a escola e as missionárias-professoras [escola-lar ou lar-escola?] e, além disso, propiciar espaço suficiente para o desenvolvimento das práticas escolares. Não nos é possível mensurar, numa escala de prioridades, qual desses itens

era mais importante, uma vez que nossas fontes não nos fornecem tais dados e a educadora metodista faz menção deles em momentos distintos e sob diferentes aspectos. Aliás, o que propomos com a presente análise é que, de certo modo, todos eles faziam parte das intencionalidades e das possíveis necessidades dos organizadores da escola, especialmente de Martha Watts. Sendo assim, optamos por analisar primeiro a necessidade do prédio como meio de impulso publicitário do colégio.

Vitrine arquitetural: o prédio como propaganda

No primeiro semestre de 1908, quando Martha Watts ocupava o cargo de superintendente dos colégios metodistas abertos em vários estados brasileiros, além de acumular a função de diretora do Colégio Isabella Hendrix, em Belo Horizonte (MG), ela enviou uma carta à Sociedade de Mulheres da Igreja Metodista dos Estados Unidos, dando notícias dos trabalhos no Brasil. Ao mencionar o projeto de um novo prédio para o Piracicabano (certamente um acréscimo ao existente), então dirigido por Miss Stradley, sucessora de Watts na direção da escola, Martha mencionou que

o querido prédio antigo, que serviu desde janeiro de 1884, está mostrando sinais de desgaste e

não está em pé de igualdade com as novas escolas na cidade, e receia-se que ele fique em desvantagem em uma possível comparação (Mesquita, 2001, p. 152).

Sua preocupação com a “possível comparação” deixa evidenciado o quanto era importante para o colégio possuir um prédio que o fizesse distinguir-se dos demais, especialmente dos outros colégios da cidade. Na realidade, em 1908, outros colégios já possuíam prédios próprios, como o Colégio Jesuíta e o Grupo Escolar, ambos abertos na última década do século XIX. Mas em 1884, quando o Colégio Piracicabano inaugurou seu edifício, a situação das escolas em Piracicaba era outra. As escolas públicas da cidade “eram isoladas e funcionavam em prédios acanhados e impróprios” (Torres, 2003, p. 183) e as escolas particulares passavam por constante troca de endereço (*Gazeta*, 15/06/1882, p. 2; 25/10/1882, p. 3).

Assim, possuir um prédio próprio, com “uma aparência muito formosa” (Mesquita, 2001, p. 67), numa cidade onde a maior parte das casas eram construídas de barro e os demais colégios estavam instalados em construções modestas, geralmente alugadas, significava poder conquistar a clientela, não somente pela existência de um currículo variado, mas também pela simbologia do olhar. A maior evidência de que o prédio deveria atuar como um

Era importante para o colégio possuir um prédio que o fizesse distinguir-se dos demais, especialmente dos outros colégios da cidade

dos mecanismos de convencimento das qualidades da escola, num momento de escolha por parte dos clientes, aparece em uma das missivas escrita pela educadora, em maio de 1895. Enviando notícias sobre a aquisição de um imóvel para o Colégio Americano de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, fez questão de mencionar que o mesmo “era três vezes melhor que o Piracicabano”. Além disso, compartilhava com seus destinatários a necessidade que tinha de efetuar a compra de móveis e utensílios para tornar a escola “no que ela deve ser para causar impressão às pessoas que serão nossas clientes” (Mesquita, 2001, p. 100).

Esse jogo de convencimento que se impunha pelo olhar (Carvalho, 2003), que deveria estar voltado à imponência do prédio escolar e à sua organização espacial, pode ser lido também como uma imposição externa, fruto das idéias que eram correntes no período. Certamente, se a manutenção do colégio em casas alugadas e adaptadas para as práticas escolares bastasse para que o mesmo conquistasse um bom número de alunos, esse investimento não seria empregado. Supõe-se que a própria sociedade local via, na questão da arquitetura do prédio escolar, um importante atrativo para assegurar a solidez da instrução nele ministrada.

Podemos observar essa questão em uma nota veiculada pela

A qualidade das aulas já era percebida, pois o colégio oferecia uma “instrução sólida e real”

Gazeta, em janeiro de 1883, quando o periódico divulga aos seus leitores o convite que os “beneméritos fundadores do Colégio Piracicabano” estavam dirigindo “a todos que se interessam pela educação da mulher”, para que fossem assistir ao lançamento da pedra fundamental “das obras do edifício destinado ao Colégio” (*Gazeta*, 28/1/1883, p. 2). O redator permite-se então dar sua opinião sobre o acontecimento, chamando a “especial atenção dos leitores” para o fato de que

nada pode ter de mais importante nem mais grato ao município de Piracicaba do que esta notícia. [...] São já muitas as meninas, que recebem no Colégio Piracicabano uma instrução sólida e real. [...] Maior será o seu número quando esse estiver estabelecido em um edifício projetado especialmente para lecionar.

Como torna claro o redator, havia uma possível correlação entre o número de alunos de um colégio e a posse de um prédio próprio para ele. Sua afirmação não deixa de mencionar que a qualidade das aulas já era percebida, pois o colégio oferecia uma “instrução sólida e real”. No entanto, aponta para as vantagens que a manutenção de um edifício particular poderia oferecer ao possibilitar um aumento no número de alunos.

Quando se inaugurou o edifício público, que abrigaria o pri-

meio Grupo Escolar de Piracicaba, novamente a *Gazeta* fez circular uma nota evidenciando o quanto era significativo para as pessoas a questão da arquitetura escolar. Ao tecer uma comparação com uma série de prédios públicos da cidade, como o Mercado Municipal, o Matadouro e até mesmo a Igreja Matriz, o redator declara que “o edifício destinado ao Grupo Escolar é o edifício público mais bonito da nossa pitoresca cidade” (*Gazeta*, 25/3/1897, p. 1).

A opinião do redator, proclamada em sua escrita, vai delineando os traços de uma idéia que, de certo modo, estava difusa em meio à sociedade. Existia a comparação entre edifícios e a desqualificação de uns em relação a outros. Construções imponentes atraíam o olhar e a constante apreciação poderia persuadir os espectadores. Como nossas fontes demonstram, em momentos de escolha, entre um colégio e outro, essa “vitrine arquitetural” podia atuar como um significante diferencial.

No tocante ao Colégio Piracicabano, duas das questões esboçadas acima parecem ficar evidenciadas. Primeiro, o colégio de fato sofreu um aumento considerável no número de matrículas após a inauguração de seu prédio. Em segundo lugar, a busca pelo convencimento da clientela, por meio da exposição do edifício que abrigava a escola, foi algo costumeiramente utilizado pela direção da instituição e recebeu apoio das notas veiculadas pela *Gazeta de Piracicaba*.

Existia a comparação entre edifícios e a desqualificação de uns em relação a outros. Construções imponentes atraíam o olhar e a constante apreciação poderia persuadir os espectadores

O crescimento estatístico do Piracicabano, no pós-inauguração de seu edifício, pode ser observado nas missivas de Martha Watts e nos artigos da *Gazeta*. Na festa de lançamento da pedra fundamental da construção do colégio, em fevereiro de 1883, o periódico deu nota de que o colégio possuía naquele período “trinta e duas alunas” (*Gazeta*, 11/02/1883, p. 1). Em 29 de janeiro de 1884, após a mudança para o edifício próprio, a educadora declarou que abriu a “escola com quarenta e cinco alunos”. Na seqüência de seu relato menciona a grande diferença que a mudança para o “novo prédio da escola” havia acrescentado ao seu cotidiano. Afinal, “desta vez havia realmente uma agitação e um gostoso som de passos, apertos de mão e beijos. Um bom número de novos apareceu”. Esse aumento no número de alunos, logo no primeiro dia de aulas, foi acrescido, sendo que, “em duas ou três semanas, as matrículas aumentaram para sessenta e oito [...] e outros foram recomendados” (Mesquita, 2001, p. 66-67).

A instalação da escola num “vasto, sólido, novo, higiênico e elegante edifício ajardinado, [situado] em ponto central, numa das melhores ruas [da] cidade” (*Gazeta*, 9/12/1894, p. 1), acabou cooperando para que outras famílias fossem convencidas de que o colégio oferecia uma boa estrutura. Isso ficou evidenciado no

expressivo aumento no número de alunos, logo após a inauguração do prédio. Em certa medida, a “vitrine arquitetural” estava exercendo seu poder de persuasão por meio de sua “auto-exibição”.

A busca pelo convencimento do olhar, por meio da exibição/visualização do edifício, se impunha também na constante divulgação das qualidades do novo prédio, realizada em informes publicitários do colégio veiculados na *Gazeta*. No anúncio de janeiro de 1885, ao comunicar aos pais sobre a reabertura das aulas, Watts fez questão de enfatizar as qualidades do colégio sob sua direção, que, “dispondo de excelentes cômodos em seu vasto e bem arejado edifício, esta[va] habilitado a receber alunas como pensionistas e internas” (*Gazeta*, 26/1/1885, p. 3). Dez anos depois, essa necessidade de divulgação da distinção do edifício ainda se fazia notório, com os anúncios destacando o fato de que “os cômodos do prédio [eram] da melhor qualidade, grandes, arejados e iluminados a luz elétrica e o terreno da[va] espaço para os recreios e exercícios necessários para manter a saúde” (*Gazeta*, 1/2/1895, p. 2).

Essa chamada ao olhar era, de igual modo, efetuada pelas notas publicadas pela *Gazeta*. Habitualmente o periódico comunicava aos leitores, em sua seção “Noticiário”, sobre artigos e publicidades que constavam na folha e que eles não deveriam deixar de ler.

A arquitetura do estabelecimento, construído para abrigar o Colégio Piracicabano, impunha aos observadores idéias como “grandiosidade”, “elegância”, “organização”, “solidez” e “qualidade”

Fazendo uso dessa prática, em janeiro de 1884, ao inserir o aviso de reinício das aulas, feito pela diretora do Colégio Piracicabano, na edição daquele dia, o redator comunica que as aulas do colégio “reabrir-se-ão no dia 29 do corrente [...] no novo e elegante edifício próprio” (*Gazeta*, 25/1/1884, p. 2). Curiosamente, no anúncio escrito pela educadora estadunidense, constam apenas a data e a hora do início das aulas, além da informação de que se realizariam “no novo estabelecimento, à rua da Boa Morte esquina da Esperança” (*Gazeta*, 25/1/1884, p. 3). Ou seja, a opinião do redator não sofrera nenhuma intervenção da escrita da diretora do colégio, mas de algum modo estava permeada pelas impressões impostas pelo seu olhar ao contemplar o edifício.

Num duplo movimento de exibição, realizado pela constituição física do prédio e pelas referências que se faziam a ele, a arquitetura do estabelecimento, construído para abrigar o Colégio Piracicabano, impunha aos observadores idéias como “grandiosidade”, “elegância”, “organização”, “solidez” e “qualidade” (*Gazeta*, 25/01/1884, p. 2; 26/01/1885, p. 3; 24/01/1886, p. 2; 30/01/1895, p. 1). Como propomos aqui, trata-se de uma “vitrine arquitetural” que exercia a função pedagógica de ensinar aos espectadores, especialmente “aos chefes de família”, sobre “as vantagens” que “o prédio do colégio” podia

oferecer (*Gazeta*, 17/1/1888, p. 3). Frago (1993) acrescenta que a arquitetura escolar também se comunica, pois possui uma pedagogia que lhe é peculiar, exercendo por si só uma função educativa.

Ao estabelecermos essa análise da constituição física do Colégio Piracicabano, não estamos considerando que a necessidade de instalação da escola em um grande edifício se resumisse à busca pela visibilidade e divulgação das condições materiais de que ele dispunha. É certo que possuir um edifício grande, iluminado e ajardinado em ponto central da cidade cooperou para que novos alunos fossem conquistados. Contudo, não se pode prescindir da necessidade espacial de que a instituição carecia para assegurar boas condições para suas práticas pedagógicas.

Escola-lar ou lar-escola?

Uma questão que a leitura das fontes nos coloca é a de tentar compreender qual dos papéis estava atribuído ao edifício do Colégio Piracicabano. Afinal, ele deveria ser visto como uma escola que também exercia a função de lar ou como um lar que cumpria, ao mesmo tempo, a função de escola?

Tal discussão se impõe pelo fato de que buscar abranger o modo como esses agentes pensavam a questão espacial das construções que deveriam abrigar a escola pode nos ajudar a compreender a constituição das práti-

cas pedagógicas que se estabeleciam no interior desse espaço, que, em certa medida, são delimitadas pela questão física do edifício (Escolano, 1993-1994; Frago, 1995).

Quando a educadora relatou, em agosto de 1881, que a casa que tinham encontrado “não [era] grande o suficiente para abrigar a família e a escola” (Mesquita, 2001, p. 29), a primeira impressão que se tem é que o prédio deveria cumprir, primeiro com a função de moradia e exercer, além disso, o posto de local para a prática do ensino. Em um relato posterior, feito em julho de 1883, uma outra questão se coloca. Ao visitar a construção do “novo prédio”, ela declara que,

É certo que possuir um edifício grande, iluminado e ajardinado em ponto central da cidade cooperou para que novos alunos fossem conquistados

antes de sair da cidade, fizemos uma visita de despedida ao novo prédio do colégio – o telhado estava quase pronto. Agora, o que devemos fazer com esta linda casa quando estiver terminada? Não devemos mobiliá-la de forma confortável e dedicá-la ao nosso Salvador [...]? Sei com muita clareza a maneira de mobiliar a parte doméstica dela, mas o que devo fazer a respeito das salas de aula e da biblioteca é a questão. (Mesquita, 2001, p. 58)

Alguns termos parecem ser correlatos para a educadora. “Casa” e “prédio” escolar, nesse momento, servem para men-

.....

cionar a mesma coisa. Para além dessa questão, fica evidenciado em sua escrita que a casa possuía uma parte doméstica e uma parte dedicada ao ensino. No entanto, ainda não fica claro se o prédio deveria cumprir primeiro a função de espaço escolar ou a de habitação.

Entretanto, é na longa descrição que faz do edifício, em uma carta escrita em meados de 1884, que podemos observar, com mais clareza, algumas das questões que estavam postas.

A casa tem uma aparência muito formosa vista por fora. O prédio principal é alto e possui uma ala de dois andares em cada lateral. No topo central há um andar coberto de zinco gradeado ao redor, feito para ser um observatório [...]

[...] O saguão é amplo [...]. À esquerda chegamos até a sala de visitas, uma pequena salinha com uma cortina de renda, tapetes centrais de veludo, mobília austríaca, quadros da minha família [...]. Na parte dos fundos temos [...] uma pequena sala, a qual possui uma porta no saguão de trás e no qual fica a estante de livros da biblioteca e uma estante de curiosidades [...]. Passando pelo saguão da frente até os fundos, temos três portas – uma abre para um cômodo que pode ser um aposento de hóspedes; a do meio é a da sala de música, que possui um piano e duas cadeiras; a terceira é a da sala de

alemão e gramática, que possui um banco e uma cadeira, um quadro negro e dois mapas. Voltando ao saguão central e virando à esquerda [...] [temos] a sala de jantar [...]. Esta é uma sala grande e bela, mobiliada com um armário de porta de vidro e uma mesa. Estão também minha escrivaninha e estante, sobre as quais estão duas grandes aves aquáticas; [...] e um grande lamento sobre uma caixa recoberta de musgo [...]. De volta ao saguão, [...] um pouco mais adiante [...] encontraremos [...] uma bela sala de aula iluminada na ala esquerda, onde encontramos uma bancada, uma mesa, uma cadeira e um quadro negro, um esqueleto de papel e os pesos e medidas para ensinar o sistema métrico em forma de mapa [...]. [...] outra sala de frente para a rua; é mobiliada com uma grande mesa, diversos bancos e cadeiras, um quadro negro, um mapa do Brasil e um da Província de São Paulo.

Agora vamos para cima. [...] há um dormitório, que [...] é uma bela sala com três grandes janelas [...]. Virando à esquerda chegamos até a porta da capela. Aqui temos as mesas, cadeiras, bancos e escrivaninhas, um grande quadro negro e mapas [...]. Esta sala é grande, iluminada e arejada, por ser muito alta e ter três janelas imensas. Na ala esquerda [...] há um dormitório, para ser usado quando tivermos necessidade; até então deverei

usá-lo para ginástica. Na ala esquerda [...] estão [também] dois belos quartos – o da frente [...] escolhi para ser meu [...] compartilhado pela Mlle. Rennotte; o outro [...] eu reservei para as missionárias que com certeza virão este ano. O dormitório é mobiliado com camas, lavatórios e baús. [...] Em uma ponta do saguão, há uma escada para o terceiro andar; e diante dela há uma outra para o observatório. [...] Temos lâmpadas pendentes em quase todos os locais necessários. Em frente há um belo pátio. O quintal é agradável e grande, mas não tem sombra [...].

O novo lote que foi acrescentado possui pomar e alguns cafeeiros. [...] Neste pomar fazemos nossa recreação – nós que somos da família – e para lá levamos nossas visitas em dias de bom tempo (Mesquita, 2001, p. 67-70).

A extensa descrição feita por Martha Watts é modelar. Ela nos permite visualizar o modo como o prédio, construído para abrigar o colégio, fora organizado. Em seu interior, estavam distribuídos espaços destinados exclusivamente às aulas e espaços que reservados para o ambiente doméstico. Assim, quadros dos familiares da educadora podiam enfeitar a sala de visitas, mobiliada com móveis austríacos. E os visitantes, além daqueles que eram “da família”, tinham a possibilidade de se recrearem no pomar. Mas as salas de aulas guardavam características

próprias desse ambiente. Possuíam mesas, cadeiras, escrivaninhas, mapas, quadro-negro, iluminação etc., especificidades que se restringiam ao campo educacional.

Gondra (2004) aponta para mais uma questão, que, embora não possamos comprovar pela análise de nossas fontes, pode sugerir um dado a ser considerado, quanto à forma que o ambiente físico escolar deveria receber para a sua organização. O autor observou, no cotejo de teses médico-higiênicas, veiculadas na corte imperial brasileira, ao longo do século XIX, que o discurso dos médicos formados no âmbito da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, articulava projetos de conformação pedagógica e organização escolar. Esses projetos previam a prescrição de uma série de medidas que deveriam ser seguidas para que as escolas se tornassem ambientes adequados. Assim, desde a escolha do local de instalação do edifício até a seleção de materiais passavam pelo crivo da ciência médica. Chamavam a atenção para os tipos de cômodo que deveriam compor o prédio escolar, como salas de estudos, salas de aulas e mesmo os dormitórios, numa clara preocupação tanto com o espaço interno quanto o externo das construções. Definiam assim, um modelo de arquitetura escolar civilizado e higienizado.

Martha Watts menciona, apenas uma única vez, a questão da limpeza e ordenação do edifício

.....

construído para abrigar o Piracicabano, em uma missiva de meados de 1884 (Mesquita, 2001, p. 69), sinalizando de algum modo para práticas higienistas. Contudo, não podemos olvidar o fato de que tais premissas prescritivas, veiculadas por meio dos discursos médico-higienistas, ao longo do século XIX, acabavam por configurar, de algum modo, formas modelares de arquitetura escolar a serem seguidas. Tais pressupostos, possivelmente, impingiam práticas de construção a serem observadas nas habitações desenvolvidas especialmente para fins escolares.

O que é possível perceber, no caso do Colégio Piracicabano, é que, embora o amplo edifício abrigasse a educadora e algumas das professoras do colégio, como Mlle. Rennotte, por exemplo, ele havia sido planejado para exercer a função de escola. Não era uma adequação do espaço doméstico para acomodar um colégio, atitude, de certo modo, comum à época, visto que faziam uso de residências alugadas. Ou, como observa Souza (1998), uma extensão da casa do professor. Era, sim, um colégio que acolhia em seu interior espaços destinados à vida social dos organizadores e educadores que nele habitavam.

Além disso, é preciso destacar que o Piracicabano recebia alunas no sistema de “internato e externato” (Mesquita, 2001, p. 57; *Gazeta*, 14/01/1883, p. 4), o que conferia ao prédio, também, um

Aquilo que se quer transmitir e ensinar está mais ou menos delimitado na construção de espaços específicos para as atividades de aprendizado

caráter de alojamento. Isso, somado à vivência das missionárias diuturnamente nesse ambiente, ajuda-nos a compreender o porquê de, repetidas vezes, Martha se referir ao prédio como “lar” (Mesquita, 2001, p. 57-58; 73), e a ciranda de termos distintos (porém, correlatos) utilizados por ela para se referir ao Piracicabano como “casa”, “escola” e “edifício próprio”.

Ainda no tocante ao internato, é preciso considerar que uma boa organização doméstica da instituição se impunha, uma vez que os pais de família deveriam se sentir seguros de que suas filhas, deixadas aos cuidados das missionárias, gozariam de uma adequada estrutura domiciliar. Essa aparência de lar não era tão somente uma necessidade de familiarização das educadoras, que residiam no colégio, com o espaço físico no qual habitavam. Era, de igual modo, uma condição imposta pelo regime de internato, adotado pela instituição, que a obrigava, em certa medida, estabelecer uma disposição mobiliária que permitisse ao prédio escolar tornar-se uma espécie de extensão do próprio lar das educandas. Como observa Frago (1995), aquilo que se quer transmitir e ensinar está mais ou menos delimitado na construção de espaços específicos para as atividades de aprendizado. Essa determinação espacial imbricada nas práticas escolares opera nesse sentido num duplo movimento,

.....

tencionado interna e externamente pelas funções sociais dadas a esse espaço.

“Um edifício projetado especialmente para lecionar” (*Gazeta*, 28/01/1883, p. 2), contendo amplas salas de aula, espaço para exercícios ginásticos, jardins, além de um observatório e luz elétrica. Mas, também, “um ótimo lar” (Mesquita, 2001, p. 73) para as missionárias e internas que passavam, a maior parte do tempo, recolhidas em seu interior. Servia como propaganda, pois “ter a propriedade [das] ca-

sas [fazia] muita diferença [na] reputação com as pessoas [...], uma impressão de estabilidade que o aluguel não [podia] dar” (Mesquita, 2001, p. 106). Mas, na mesma medida, proporcionava uma organização pedagógica diferenciada daquela comum às casas alugadas, “pequenas e destituídas de jardim ou pátio para *playgrounds*”, com “correntes de ar frio e cômodos escuros”, [...] “não adequadas” para o funcionamento de escolas (Mesquita, 2001, p. 67; 128). Enfim, um edifício que foi planejado para funcionar como escola e como lar.

.....

Referências bibliográficas

- BARBANTI, Maria Lucia S. Hilsdorf. São Paulo, 1977. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo.
- BARBOSA, José Carlos. *Lugar onde os amigos se encontram: caminhos da educação metodista no Brasil*. São Bernardo do Campo: Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Metodismo (Cepeme), 2005.
- BENCOSTTA, Marcus L. Albino. *Protestantes em Campinas: a história de um colégio de confissão presbiteriana (1869-1892)*. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BURKE, PETER (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2000.
- CARVALHO, Marcus, J. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, Marta M. Chagas de. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista (SP): Edusf, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DAWSEY, John Cowart. *Americans: imigrantes do velho sul no Brasil*. Piracicaba (SP): Unimep, 2005.
- ESCOLANO, Agustín. La arquitectura como programa: espacio-escuela y curriculum. *Historia de la Educación*, Madrid, n. 12-13, 1993-1994.
- FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, n. 0, set.-dez. 1995.
- GAZETA de Piracicaba. *Colégio Piracicabano*. Piracicaba, p. 1, 09/12/1884.
- _____. Edições de 15/06/1882; 25/10/1882; 15/01/1883; 28/01/1883; 11/02/1883; 25/01/1884; 26/01/1885; 24/01/1886; 17/01/1888; 09/12/1894; 30/01/1895; 01/02/1895; 25/03/1897.

-
- GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 37-43, 2000.